



POR TRÁS DA FANTASIA: A BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS E SEUS ENLACES COM A DITADURA CIVIL-MILITAR

BEHIND THE FANTASY: THE BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS SAMBA SCHOOL AND ITS LINKS WITH THE CIVIL-MILITARY DICTATORSHIP

Tainá Rodrigues de LIMA¹

Victor Marques de ARAÚJO²

¹ Graduanda em História (UFRRJ). E-mail: taina28_rodrigues@hotmail.com

² Mestre em Antropologia Social (UFMT) e professor. E-mail: victormarques.rj@gmail.com



RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as relações da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis com a Ditadura Civil-Militar que foi vigente no Brasil durante o período de 1964 a 1985. Dentro desta temporalidade, alguns fatos ganham destaque por terem reconfigurado o perfil de determinadas Escolas e até mesmo da maneira de se fazer Carnaval, como a ascensão da Beija-Flor de Nilópolis durante os Anos de Chumbo, dada a afinidade dos seus líderes com figuras do regime e com a própria lógica política da época.

PALAVRAS-CHAVE

carnaval; escolas de samba; ditadura civil-militar; Rio de Janeiro

ABSTRACT

This work has as general focus to analyze the relations among the Beija-Flor de Nilópolis Samba School and the civil-military dictatorship that was in force in Brazil during the period from 1964 to 1985. Within this temporality, some facts gain prominence for having reconfigured the profile of certain Schools and even the way of doing Carnival, such as the rise of Beija-Flor de Nilópolis during the Years of Lead, due to the affinity of its leaders with figures of the regime and with the political logic of the time itself.

KEYWORDS

carnival; samba schools; civil-military dictatorship; Rio de Janeiro





1. ESCOLAS DE SAMBA PELA HISTÓRIA RECENTE...

O desfile das Escolas de Samba ocupa um lugar de destaque no panteão cultural carioca. Epíteto da alegria por muitos interpretada como um dos elementos formadores do Rio de Janeiro, o desfile promove o “maravilhamento” e o deslumbre daqueles que o acompanham seja pelos canais de comunicação seja em seu palco principal, a rua (CAVALCANTI, 2002).

A avenida Marquês de Sapucaí ilumina-se para a festa que move milhares de pessoas a fim de sentir o poder do repicar de caixas e tamborins ritmadas pelo samba de enredo de cada carnaval. Assim, o presente ensaio busca tecer observações pontuais e específicas acerca do intercambiamento de discursos que se faz na conjugação de elementos dentro e fora da Sapucaí e se propõe a lançar luzes iniciais à análise de enredos que compõem o triênio de carnavais nilopolitanos, respectivamente 1973, 1974 e 1975, e sua relação com o Regime Militar, no qual a apresentação serviu de ferramenta para o enaltecimento de programas e valores do regime, relação esta entendida como de ganhos bilaterais e geradora de visibilidade para ambas as partes.

Porém, antes de falarmos sobre os Anos de Chumbo, podemos perceber que de acordo com Guimarães (2009), no período de Vargas, a importância da relação do Poder Público com as Escolas de Samba já era elucidativa. Assim,

Cada vez mais Vargas investia no seu projeto de amoldar as escolas de samba aos seus interesses. Subvencionava o carnaval, interferia na organização dos concursos e abria espaço para as escolas de samba no rádio, veículo que se encontrava no auge da sua popularidade, tornando-se elemento fundamental para a propaganda getulista (GUIMARÃES, 2009, p. 73)



Desta forma, os desfiles, com o Estado Novo, são submetidos a um meticuloso quadro burocrático que tendiam a dominação racional impessoalizada da festa popular.

(...) os samba e rejeitados passam a ser também, disputados. Os demais não querem apenas ouvi-los; passam também a fazê-los (...). Os blocos se juntam, as idéias aparecem e os populares acabam empolgando o Carnaval, no qual sua cultura, embora entrelaçada à dos demais, alcança maior destaque (...) ao se tornar manifestação máxima do carnaval carioca, a Escola de Samba marca o transbordamento da cultura popular no Rio de Janeiro. Através dela, afirmam-se os segmentos populares que por muito tempo estiveram condenados à segregação (...) as manifestações populares não só persistiram, como também se difundiram e se integraram com a cultura dominante, dando lugar a circularidade cultural (SOIHET, 1998, p. 118-120).

Dentro da conjuntura histórica posta anteriormente e diante da observação das relações que as Escolas de Samba possuem com a esfera de poder em determinados contextos históricos, depreendemos uma provável repetição deste agenciamento com a ditadura civil-militar de 1964, servindo de exemplo direto o caso do G.R.E.S. Beija Flor de Nilópolis. O “mistério” desvendado por Vianna (2012) parece ganhar novo fôlego, agora nos anos 70.

2. A “FAMÍLIA” BEIJA-FLOR NA AURORA DA DITADURA

A discussão proposta aqui tem como recorte um ensaio de revisão à relação das famílias Sessim e Abraão David com a ascensão da G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, muito bem discutida por Luiz Anselmo Bezerra (2009; 2010; 2016), assim como nos escritos desenvolvidos por Aloy Jupiara e Chico Otávio (2015), durante a década de 1970, dentro do contexto da Ditadura Civil-Militar. Uma agremiação que até tal década era “pequena”, de pouca visibilidade, e que ainda não integrava o grupo das grandes Escolas,





tornou-se veículo intermediário para as relações que envolviam jogo do bicho e a tentativa dos banqueiros da contravenção em serem bem aceitos dentro do meio político da Ditadura. Durante o período ditatorial, a Beija-Flor ganha uma projeção amplificada, principalmente devido a uma série de sambas de enredo que enalteciamas “maravilhas” resultantes de projetos desenvolvidos pelo governo militar, constituindo dessa forma um veículo oficial de propagação dos feitos dos Anos de Chumbo (BEZERRA, 2009).

Para que isto fosse possível, o empenho desenvolvido pelas famílias Sessim e Abraão David foi essencial para tal (JUPIARA; OTÁVIO, 2015). Não nos cabe aqui fazer uma biografia a respeito desses atores, porém convém destacar alguns episódios de sua trajetória de vida que consideramos importantes para este trabalho ao nível de construir a narrativa necessária para entender o processo que inclui as vinculações entre a Beija-Flor, a Ditadura e o jogo do bicho. É importante destacar que relações desta natureza não são exclusivas da “família Beija-Flor” (BEZERRA, 2010). No entanto, a análise de alguns sambas de enredo da Escola nilopolitana será o objeto do ensaio, devido à clareza proporcionada pelos fatos e seus resultados, que ressonam na conjuntura.

Ao realizar uma análise diacrônica do período compreendido entre os anos 60 e meados dos 70, Anísio Abraão David e sua família transformaram-se em líderes do jogo do bicho na Baixada Fluminense, caminho para que em pouco tempo assumissem o controle político do município de Nilópolis, quando seu primo Simão Sessim, em 1964, tornou-se Secretário de educação e, em 1973, assumiu a prefeitura do município de Nilópolis eleito pelo ARENA, Aliança Renovadora Nacional, partido político criado com base a dar sustentação à Ditadura Militar (BEZERRA, 2009). Coincidentemente, Bezerra (2009) destaca que a conquistado primeiro campeonato da história





da Beija-flor aconteceu em 1976, uma Escola que não figurava como favorita nas apostas para vencer o carnaval daquele ano. Ademais, o carnaval de 1976 foi o início do primeiro tricampeonato (76, 77 e 78) a ser conquistado pela agremiação. Contudo, toda essa sequência de conquistas explicitadas por Jupiara e Otávio (2015) foram resultado das alianças formadas entre os “turcos” – forma como eram conhecidos os Sessim David por terem suas origens no Líbano – e a Ditadura Civil-Militar anteriormente, o que fica mais evidente no tom ufanista dos enredos dos anos 1973, 1974 e 1975.

Também membro da família, Jorge David, primo de Anísio, é considerado como peça-chave dentro dos trâmites envolvidos com os Anos de Chumbo. Por meio dessa troca “o regime se beneficiava das artimanhas de Jorge David, e as famílias passavam a ter o caminho livre para dominar politicamente o município” (JUPIARA; OTÁVIO, 2015, p. 50). Uma série de cassações e intervenções passa a se difundir pelo município de Nilópolis, graças às informações que eram fornecidas por Jorge e, desta maneira, pouco a pouco, os cargos políticos passam a ser substituídos por aqueles que ou eram membros da família ou aliados a ela – inclusive o próprio Jorge –, porém, houve momentos em que nem sempre a balança se mostrou favorável aos Sessim David: o próprio Anísio recebera mandatos de prisão e chegou a ser preso (JUPIARA; OTÁVIO, 2015).

3. BEIJA-FLOR DIRETAMENTE DOS ANOS 70

De acordo com Jupiara e Otávio (2015), destaca-se o episódio ocorrido em 1970 com o *impeachment* do então prefeito de Nilópolis, João Cardoso, o que demonstra a clara relação dessas famílias com o poder militar e o começo da relação mais profícua entre a Escola de Samba e o regime:





A edição de 6 de fevereiro de 1970 do jornal Correio da Manhã descreve a cassação e afirma que ‘o ex-funcionário Anísio David Abraão, irmão do primeiro secretário da Câmara, Miguel Abraão, e primo-irmão do deputado Jorge David, presidente do Diretório da Arena local, declarou, no depoimento, que sempre recebeu da Prefeitura sem trabalhar, fato que também ocorria com cem servidores’ (JUPIARA; OTÁVIO, p. 49).

Além disso, Bezerra (2016) também destaca o fato do domínio de Anísio e companhia não serem inabaláveis, dando ênfase ao fato da Beija-Flor ser seu grande trunfo na garantia do seu aparato de poder. Como dito anteriormente, a Escola se torna uma espécie de mediadora entre o mecenato dos bicheiros e a política, principalmente quando o irmão de Anísio, Néelson Abraão, passa a ser o Presidente Administrativo:

Quando Néelson Abraão passou a desempenhar a mencionada função na Beija-Flor, alcançada mediante um processo eleitoral interno realizado em 1972, a preparação para o carnaval do ano seguinte orientou-se para a definição de um enredo vinculado à propaganda oficial das “realizações” do governo militar (BEZERRA, 2016, p. 189)

O que estava por trás disso, de acordo com o autor (BEZERRA, 2016), era o controle e a subordinação desse âmbito importante do tecido social brasileiro. O contexto parece dar pistas sobre uma possibilidade de entendimento em que ocorre um duplo agenciamento entre o regime e as Escolas de Samba. O primeiro visava a busca por divulgação de sua ideologia e marketing positivo de suas realizações; as segundas pareciam necessitar alcançar a desejada visibilidade e como consequência usufruir da liberação de verbas e popularidade, submetendo-se à diretrizes regimentais postas nesta interlocução que cancelava sua oficialidade (BEZERRA, 2016).





Bezerra (2016) ressalta que a agremiação passa a ter seus sambas de enredopautados em tom ufanista, graças ao papel desempenhado pelo próprio regime ao utilizar as Escolas de Samba como aparato de divulgação do projeto político-ideológico que vigorava na época, fazendo também com que sua ideologia pudesse tornar-se influente nos setores populares. Assim, destacam-se os seguintes sambas: “Educação para o desenvolvimento” (1973); “Brasil no ano 2000” (1974) e “O grande decênio” (1975), sendo este último um verdadeiro louvor dos dez anos do Regime Militar. Todos os temas passam a ser de responsabilidade da diretoria da Escola a partir do momento em que a presidência é assumida por Nelson Abraão (BEZERRA, 2016).

Como dito, não eram apenas os membros da família que estavam vinculados à agremiação, mas seus aliados, os quais prestavam e recebiam favores. Relações que envolviam o contato de Anísio com muitos eventos do período são elucidadas por Jupiara e Otávio (2015) e contribuíram em muito para o esplendor e ascensão de Anísio:

Para ser dono – não só da festa, mas da política e da jogatina –, Anísio se apoiou na truculência e nos abusos dos amigos: militares e policiais que atuavam na perseguição e tortura a presos políticos, e que, aos poucos, migrariam para os subterrâneos da contravenção (JUPIARA; OTÁVIO, 2015, p. 55)

Essas relações contribuíram para a ascensão de Anísio e da Beija-Flor. Enquanto a família ascendia no controle da Escola, sambas eram entoados em louvor à Ditadura. A exibição de parte das letras dos sambas de enredo dos anos 1970 com os respectivos destaques ilustra nossa discussão. O samba de enredo “Educação para o desenvolvimento” assim asseverava:





Veja que beleza de nação/ **O Brasil descobre a educação/ Graças ao desenvolvimento/ E a reforma do ensino/** O futuro, o amanhã/ Está nas mãos destes meninos/ Vamos exaltar/ Vamos exaltar/ As professoras/ Que ensinam o bê-a-bá/ E relembramos os jesuítas/ Os primeiros colégios criaram/ Para dar aos brasileiros/ Cultura e educação/ **Venham ver nossa/Cidade Universitária/ Uni-duni-tê/ Olha o ABC/ Graças ao Mobral/** Todos aprendem ler (BEIJA-FLOR, 1973, grifo nosso).

E o mesmo acontecia em “Brasil ano 2000”:

É estrada cortando/ A mata em pleno sertão/ É petróleo jorrando/ Com afluência do chão/ Sim chegou a hora/ Da passarela conhecer/ A ideia do artista/ **Imaginando o que vai acontecer/ No Brasil no ano dois mil/** Quem viver verá/ Nossa terra diferente/ **A ordem do progresso/ Empurra o Brasil pra frente/ Com a miscigenação de várias raças/ Somos um país promissor/ O homem e a máquina alcançarão/ Obras de emérito valor/ Na arte na ciência e cultura/ Nossa terra será forte sem igual/ Turismo e folclore altaneiro/ Na comunicação alcançaremos/ O marco da potência mundial** (BEIJA-FLOR, 1974, grifo nosso).

Por fim, o samba de enredo “O grande decênio”, completa a tríade de enaltação da Ditadura:

É de novo carnaval/ Para o samba este é o maior prêmio/ **E a Beija-Flor vem exaltar/ Com galharia/ O Grande Decênio/ Do nosso Brasil que segue avante pelo céu, mar e terra/ Nas asas do progresso constante/** Onde tanta riqueza se encerra/ **Lembrando PIS e PASEP/ E também o FUNRURAL/** Que ampara o homem do campo/ Com segurança total/ **O comércio e a indústria/ Fortalecem nosso capital/ Que no setor da economia/ Alcançou projeção mundial/ Lembraremos também/ O MOBREAL, sua função/ Que para tantos brasileiros/ Abriu as portas da educação** (BEIJA-FLOR, 1975, grifo nosso).





Em todos os sambas, pode-se perceber aquilo que indicamos: as constantes exaltações ao desenvolvimento do país e projeções sobre “progresso brasileiro” dentro do aspecto nacional e até mesmo fora, em termos econômicos, comerciais, industriais, como sugere trechos do último samba, que visava comemorar os dez anos de implementação da Ditadura, daí o nome “O grande decênio” (JUPIARA; OTÁVIO, 2015).

Em complemento ao que acabamos de citar, Bezerra (2016), em entrevista a alguns viventes da época em questão, questiona que a Beija-Flor seria sem Anísio e sua família. Segundo um entrevistado por Bezerra (2016), o grande motivo para o destaque da Escola não seria apenas a presença da família Abraão David, mas sim o fato da Escola ter servido aos comandos do Regime Militar, somando-se a isso os laços entre o Poder Público e o jogo do bicho, que vão ganhando cada vez mais força (JUPIARA; OTÁVIO, 2015)

Enturmado entre agentes – militares e policiais – mergulhados na repressão violenta aos militantes de esquerda e, de outro lado, à frente da tropa criminoso da contravenção que varria as ruas, tomando pontos e blindando Anísio, o torturador abria, assim, espaços para si próprio na sociedade da Baixada. O ano de 1978, o mesmo em que o CIE reconheceu seu envolvimento íntimo com o bicheiro e seus negócios sujos, seria o da consagração definitiva da Beija-Flor de Nilópolis, que Luiz Cláudio frequentava assiduamente como agregado da família Abraão David. Em um amanhecer de segunda-feira de carnaval, a escola de Nilópolis – já totalmente entregue ao comando da família – desfilou com soberba o enredo “Criação do mundo na tradição nagô”, mais uma vez de Joãozinho Trinta. (...) A Beija-Flor saiu da avenida com gritos de “É campeã”. Na verdade, tricampeã. Esse resultado selaria o seu destino até hoje. Praticamente apagando a história anterior à chegada de Anísio e Nelson, a escola então era o seu dono e seus amigos. Luiz Cláudio, Doutor Luizinho ou Laurindo, dependendo da ocasião, estava entre eles. Se a agremiação cantava na avenida o surgimento da vida, nos subterrâneos do regime, porém, ele tinha celebrado a tortura e a morte. (JUPIARA; OTÁVIO, 2015, p. 59-60)





De acordo com Bezerra,

A partir da diretoria dos Abraão David, a Beija-Flor passou a ser reconhecida como um instrumento político – ‘uma plataforma de votos’ – a serviço de um grupo definido; as relações com a escola deixaram de ser esporádicas e se institucionalizaram’ (2016, p. 201).

O grande ‘x’ da questão para os Abraão nesse momento era enraizar o seu poder, o que acabam conseguindo, uma vez que, nas eleições de 1978, os três candidatos que disputavam cargos políticos e que tinham associação entre si – Simão Sessim, concorrendo a deputado federal; Jorge David, concorrendo a deputado estadual e Péricles Gonçalves, também concorrente a deputado federal – venceram as eleições daquele ano (JUPIARA; OTÁVIO, 2015). Assim, é após 1975 que o triunfo da Beija-Flor chega ao topo. A Escola contratou o carnavalesco Joãozinho Trinta, que prestava serviços a Acadêmicos do Salgueiro, ao lado do diretor do carnaval Luiz Fernando Ribeiro do Carmo, o famoso Laíla, também membro do Salgueiro (JUPIARA; OTÁVIO, 2015).

Jupiara e Otávio (2015) destacam que é nesse momento que Anísio chama ambos para a Beija-Flor numa tentativa de conseguir mais poder. Sua “sacada” e aposta para o enredo do ano seguinte era nada menos do que uma homenagem “à nata” da sociedade dos banqueiros do bicho. Dentro do seu enredo, Anísio pretendia homenagear desde o fundador do jogo, o barão Drummond, até Natal da Portela, que viera a falecer em abril de 1975. O samba-enredo “Sonhar como rei dá leão” (1976) leva a Beija-Flor a dar o início a uma era de ouro da Escola, levando a mesma a conseguir três campeonatos consecutivos, além de levar Anísio ao seu esplendor dentro do carnaval e politicamente.



A partir disso, conforme destacou Bezerra (2016), é possível inferir a dialética estabelecida com diversas esferas de poder a busca pela visibilidade e influência diante de arranjos políticos:

(...) O entrecruzamento de diferentes instituições num arranjo político altamente sofisticado e que não se enquadra num simples modelo de clientelismo (família, organização partidária, órgãos governamentais, escolas de samba e jogo do bicho). Esse conjunto, bem articulado numa estrutura de controle político ao mesmo tempo sólida e flexível, permanece em pleno vigor desde o fim da ditadura, período em que se estabeleceu a difícil luta pela construção de uma ordem verdadeiramente democrática no Brasil (BEZERRA, 2016, p.40)

Visto que a Escola se tornou um reduto no qual frequentavam celebridades e diversas outras pessoas influentes na mídia (JUPIARA; OTÁVIO, 2015), seus “donos” mantiveram o poder e domínio local sob o município de Nilópolis. Neste sentido, Bezerra (2009) nos aponta que a Escola também passa a ser uma espécie de identidade para os moradores, utilizando-se da simbologia do pássaro beija-flor, além do nome da própria agremiação para intitular o comércio local, que faz alusão à Escola de Samba. No entanto, não devemos esquecer que, nessa história, a construção da Beija-Flor se deu em uma demonstração da relação de poder que a família e o Poder Público traçaram ao longo das décadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, podemos dizer que durante a análise bibliográfica e leitura para a pesquisa, percebemos que tanto a Ditadura se favoreceu do propagandismo da Beija-Flor, quanto a Escola também se aproveitou das “benesses” oferecidas pelo sistema. O período que compreende de 1973 a 1975 foi fundamental





para que a Escola construísse sua base, popularidade e se fortificasse para ganhar o então destaque e o posto que se perduram, de certa maneira, até hoje, visto que constantemente se encontra em foco no cenário carnavalesco.

Fica claro que a disputa política sempre arruma caminhos de penetrar em todos os espaços e com as Escolas de Samba não foi e não é diferente, visto que até a nossa mais recente contemporaneidade, elas constituem espaços constantes dessas disputas e de adaptações necessárias para muitas vezes se fazer valer. No entanto, o interesse se dá por uma via de mão dupla, mesmo que com fins diferentes, em contextos e épocas diversas, seja pela sobrevivência de um dos lados, permanência, ascensão ou reafirmação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

BEZERRA, L.A. **A família Beija-Flor**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BEZERRA, L.A. “Interferência militar e poder familiar em Nilópolis”. In: SALES, J.R.; FORTES, A. (org.). **A Baixada Fluminense e a Ditadura Militar: movimentos sociais, repressão e poder local**. Curitiba: Prismas, 2016.

BEZERRA, L.A. “O mecenato do jogo do bicho e a ascensão da Beija-flor no carnaval carioca”. In: **Textos escolhidos de cultura e arte popular**, Rio de Janeiro, v.6, n1, p.139-150, 2009





CAVALCANTI, M. L. “Os sentidos no espetáculo”. In: **Revista de Antropologia**, v. 45, n. 1, p. 37-80, 2002.

FREIXO, A.; TAVARES, L. E. “Os samba em tempos de ditadura: a transformação no universo das grandes escolas do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970”. In: FREIXO, A.; MUNTEAL FILHO, O. (orgs). **A Ditadura em debate: Estado e Sociedade nos anos do autoritarismo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

GUIMARÃES, Valéria Lima. **O PCB e o samba: os comunistas e a cultura popular (1945–1950)**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

JUPIARA, A.; OTAVIO, C. **Os Porões da Contravenção: jogo do bicho e ditadura militar - a história da aliança que profissionalizou o crime organizado**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SOIHET, R. **A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

